

maior da remuneração dos produtores. Sem a ação do Acordo, uma elevação da oferta brasileira durante o período da safra intermediária (maio-setembro) cuja produção pode ser bem maior do que a previsão mínima de 3,2 milhões de sacas, poderá determinar uma compressão ainda maior nos preços externos, a menos que se tomem providências quanto à estocagem interna do produto.

Reflexo positivo da queda continuada das cotações internacionais foi que esta serviu para abrir um novo caminho aos produtores brasileiros que, hoje, já estão dispostos a abandonar as soluções de curto prazo, em favor da abordagem racional dos problemas estruturais que afetam a lavoura, tais como a concentração de propriedades, os custos de produção, o escoamento das safras e a comercialização externa e interna (sobretudo no que diz respeito às relações com a indústria).

Esta nova abordagem poderia reduzir o impacto das crises que, como a atual, são freqüentes no mercado. É necessário que medidas dessa natureza sejam tomadas com a brevidade possível, de modo a evitar que uma nova conjuntura de preços favoráveis leve ao esquecimento das distorções estruturais que prevalecem no setor.

As exportações totais brasileiras, em 1981, deverão oscilar em torno de US\$ 650 milhões, refletindo a persistência, ao longo de 1981, de condições estáveis do mercado externo,

o que não deverá evitar uma queda de 15% no valor médio da exportação brasileira, sendo esta redução parcialmente compensada por uma elevação de 10% na quantidade total exportada. Não deve ser descartada, contudo, a possibilidade de recuperação lenta do mercado internacional que, bem aproveitada pelos exportadores brasileiros, poderá levar à repetição do desempenho de 1980. Neste sentido é provável que as indústrias processadoras de cacau repitam a performance do ano passado, quando foram responsáveis por 56% do volume exportado e por 59% da receita total.

CAFÉ

Receita cambial dificilmente igualará a de 1980

A meta de exportar 17 milhões de sacas de café, em 1981, reflete a preocupação governamental em dar continuidade à política de reconquista de mercados iniciada pelo Brasil no ano passado. Esta quantidade é 12% e 40% superior ao total das vendas realizadas em 1980 e em 1979, respectivamente. A pretensão de ampliar a participação brasileira no mercado internacional esbarra na situação de relativa folga de oferta hoje vigente no cenário mundial, uma vez que acarretará, certamente, aumento da concorrência, já acirrada, entre os principais países produtores. Mais grave, ainda, é o fato de que o excesso de oferta no âmbito internacional deverá am-

pliar-se, durante o ano, com a entrada de grãos da safra 1981/82, provenientes de alguns países que colhem mais cedo, entre eles o Brasil, onde a colheita é prevista em nível elevado.

Para o ano cafeeiro em curso, o USDA estimou, em sua 4ª avaliação da safra 1980/81, uma produção mundial exportável de 60.426 mil sacas, marca inferior em 218 mil sacas à quantidade obtida na estação anterior. O estoque inicial de 1980/81 é calculado, pelo mesmo USDA, em 23.658 mil sacas (ver Quadro 1). Assim, a disponibilidade para comercialização internacional deverá situar-se em torno de 84.084 mil sacas. Tendo em vista que o total das exportações deverá atingir 60.971 mil sacas, o estoque final ficará em torno de 23.408 mil sacas.

Ainda em relação ao Quadro 1, é interessante notar que o estoque mundial previsto para o final de 1980/81 é o menor dos últimos 21 anos. Em consequência da geada que, em 1975, atingiu áreas produtoras brasileiras, o nível dos estoques mundiais sofreu forte redução, caindo de quase 40 milhões de sacas em 1975/76 para 25 milhões no período seguinte. Nas estações posteriores, exceto 1977/78, leves diminuições se sucederam. A recuperação da produção mundial de café que se vem processando há alguns anos, não foi suficiente, ainda, para reconduzir os estoques a níveis que, pelo menos antes da geada de 1975, eram considerados normais.

Apesar disso, as cotações in-

QUADRO 1

CAFÉ – Distribuição Mundial da Oferta – 1960/61-1980/81
(em milhões de sacas de 60 kg)

Períodos	Estoques Iniciais	Produção	Importações dos Países Produtores	Disponibilidade Total	Consumo Interno dos Países Produtores	Exportações	Estoque Final
1960/61	58,806	65,374	0,215	124,395	16,270	43,003	65,123
1961/62	65,123	75,950	0,191	141,264	20,985	46,151	74,128
1962/63	74,128	67,787	0,162	142,077	14,591	46,946	80,538
1963/64	80,538	65,338	0,91	145,967	17,524	51,070	77,371
1964/65	77,371	52,649	0,89	130,109	16,650	41,902	71,556
1965/66	71,556	82,153	0,144	153,853	17,697	49,965	86,188
1966/67	86,188	63,380	0,158	149,726	19,128	48,915	81,684
1967/68	81,684	70,877	0,155	152,716	17,950	55,732	79,039
1968/69	79,039	63,316	0,115	142,470	19,528	53,582	69,360
1969/70	69,360	69,713	0,181	139,254	18,789	55,119	65,346
1970/71	65,346	58,979	0,179	124,504	19,278	51,641	53,588
1971/72	53,588	73,679	0,211	127,478	18,951	58,279	50,246
1972/73	50,246	77,033	0,206	127,485	17,365	61,150	48,974
1973/74	48,974	66,115	0,288	115,377	19,028	60,391	35,958
1974/75	35,958	82,508	0,293	118,759	19,145	55,325	44,288
1975/76	44,288	72,935	0,245	117,468	18,780	59,309	39,382
1976/77	39,382	61,440	0,246	101,068	18,793	56,846	25,429
1977/78	25,429	70,757	0,294	96,480	18,869	48,226	29,385
1978/79	29,382	78,434	0,279	108,095	19,318	63,723	25,054
1979/80	25,078	80,400	0,275	105,753	19,894	62,201	23,658
1980/81	23,658	80,670	0,295	104,623	20,244	60,971	23,408

Fonte: Complete Coffee Coverage.

ternacionais vêm sofrendo quedas de preço quase que continuamente, desde abril de 1977. Os fatores explicativos da aparente contradição entre estoques em declínio e preços também em queda são diversos e não cabe aqui analisá-los pormenorizadamente. No entanto, é preciso lembrar que, apesar de reduzidos, os estoques dos últimos anos não chegaram a criar uma expectativa de aperto imediato da oferta. Isto porque, a partir da safra 1977/78, a cada ano era renovada a perspectiva de uma colheita suficiente e em recuperação. É claro que, nesse período, o mercado viveu momentos de tensão, uma vez que, a eventualidade de uma geadas de grandes proporções — fenômeno sempre temido — teria impulsionado o mercado para níveis elevadíssimos. No curto prazo, porém, a disponibilidade anual de café foi sempre suficiente para atender à demanda.

Diante do panorama internacional acima descrito, o propósito brasileiro de elevar as vendas do país em 2 milhões de sacas, contribuirá, por certo, para que os preços internacionais permaneçam deprimidos durante o corrente ano, a não ser que se verifiquem problemas de maior gravidade nas áreas produtoras. Provavelmente, as cotações permanecerão nos níveis atuais (entre US\$ 1,20/lb e US\$ 1,30/lb) até meados de maio. Neste período, os importadores normalmente aumentam o ritmo de suas compras objetivando formar estoques suficientes para minimizar a necessi-

dade de novas aquisições durante os meses de inverno no Brasil. Tentam com isso não serem surpreendidos por uma súbita elevação de preços que sucederia à ocorrência de uma geadas nas regiões produtoras do país. A constituição de estoques relativamente elevados durante o período de inverno no Hemisfério Sul permite ainda que sejam especulativamente aproveitadas as fortes oscilações de preço que costumam ocorrer no período junho/agosto, quando o mercado apresenta-se extremamente nervoso e atento às previsões meteorológicas brasileiras.

A partir de meados de maio, na medida em que se forem consolidando as perspectivas de uma boa colheita no Brasil e que transcorram os meses de maior risco de geadas, deverá predominar no mercado uma tendência de queda das cotações. Esta tendência estará potencialmente presente até o último trimestre do ano, quando o interesse dos compradores se reavivará diante da necessidade de formar estoques para enfrentar o aumento sazonal de consumo que se verifica durante o inverno dos países do Hemisfério Norte.

Esta perspectiva de comportamento dos preços não é, por certo, favorável aos países produtores. Este ano, no entanto, dois fatores deverão contribuir, ainda que precariamente, para sustentar as cotações: a vigência do Acordo Internacional do Café e o acerto, entre o Brasil e a Colômbia, de uma limitação quanto às devolu-

ções contratuais que estes países fazem aos importadores, por quedas futuras de preço. No caso do Brasil, o IBC se compromete a devolver ao importador, em Avisos de Garantia, a diferença entre o preço pago e a menor média de cotações de 10 dias de mercado verificadas até 40 dias após a compra. O acordo entre Brasil e Colômbia estabeleceu um piso para o preço que serve de base ao cálculo dessas devoluções, isto é, mesmo que a média móvel dos preços caia abaixo do piso de US\$ 1,20/lb, a garantia a ser devolvida ao comprador será a diferença entre o preço pago e US\$ 1,20/lb.

Por sua vez, o Acordo Internacional do Café (AIC) deverá ser mais efetivo no que tange à sustentação dos preços do produto. Neste sentido, segundo o AIC, a Organização Internacional do Café efetuará um corte nas cotas de exportação dos países produtores, sempre que os preços caiam abaixo de US\$ 1,20/lb, sendo que um novo corte ocorrerá se os preços caírem abaixo de US\$ 1,15/lb. Desde a assinatura do AIC (novembro de 1980) alguns cortes de cotas já foram feitos e, até o momento, excetuados breves períodos de tempo, mostraram-se capazes de sustentar as cotações acima do limite mínimo de US\$ 1,15/lb. Tendo em vista, no entanto, a situação estatística do mercado e as próprias limitações do AIC como instrumento de sustentação de preços (ver *Agroanalysis*, vol. 4 nº 12) não é impossível

que, em 1981, o preço médio das exportações de qualquer país produtor situe-se abaixo do limite mínimo determinado pelo próprio AIC.

Esta hipótese é admitida, inclusive, por autoridades governamentais brasileiras, unânimes em prever, para 1981, uma receita cambial inferior à obtida ano passado, em que pese o aumento pretendido da quantidade exportada. Em 1980, o Brasil arrecadou US\$ 2,78 bilhões mediante a venda de 15,210 milhões de sacas de café, o que resulta em um preço médio de US\$ 183,10/saca (ou US\$ 1,38/lb). Em 1981, as vendas externas de café, certamente, não lograrão obter um preço médio tão elevado (ver Quadros 2 e 3) sendo, também, improvável a repetição da receita

cambial. Para que aquele mesmo montante de divisas viesse a ser novamente arrecadado, supondo que a meta quantitativa fosse cumprida (17 milhões de sacas) seria necessário que se obtivesse, em média, por saca exportada, US\$ 163,53 (ou US\$ 1,24/lb). Este preço é superior ao primeiro limite (US\$ 1,20/lb) do AIC e, além disso, é preciso lembrar que parte dos Avisos de Garantia emitidos em 1980 será descontada nos primeiros meses de 1981, contribuindo para reduzir a média dos preços de exportação desses meses.

A este respeito, vale destacar alguns dos aspectos da sistemática de comercialização externa adotada pelo IBC, a partir dos primeiros meses de 1980. Esta sistemática estabelece

que o importador será indenizado, mediante emissão de Avisos de Garantia pelo IBC, caso os preços de mercado venham a cair até 40 dias após o registro da operação, como mencionado acima. Além dessa vantagem, o importador recebe, também em Avisos de Garantia, a diferença entre o preço nominal pago e as cotações efetivas de mercado. Em sua primeira compra de café brasileiro regulada por contrato de fornecimento junto ao IBC, o importador pagará, por libra de café adquirida, o preço mínimo de registro fixado pelo IBC (US\$ 2,00, atualmente) mais despesas de transporte, seguro etc, preço esse muito superior ao de mercado. Posteriormente, o comprador será resarcido, através de Avisos de Garantia

QUADRO 2

CAFÉ — Exportações Semestrais Brasileiras — 1979 e 1980

	Quantidade (1.000 sacas)	1980 Valor (milhões US\$)	Preço Médio (US\$/sc)	Quantidade (1.000 sacas)	1979 Valor (milhões US\$)	Preço Médio (US\$/sc)
1º Semestre	7.093	1.458	205,57	5.838	907	155,38
2º Semestre	8.116	1.322	162,89	6.372	1.418	222,53
Total	15.209	2.780	182,78	12.210	2.325	190,47

Fonte: IBC.

QUADRO 3

*CAFÉ – Comparativo das Exportações do 1º Bimestre
1979-1981*

	Quantidade (1.000 sc)	1981 Valor (milhões US\$)	Preço Médio (US\$/sc)	Quantidade (1.000 sc)	1980 Valor (milhões US\$)	Preço Médio (US\$/sc)	Quantidade (1.000 sc)	1979 Valor (milhões US\$)	Preço Médio (US\$/sc)
Janeiro	1.415	188	133,06	203	36	176,9	560	89	158,62
Fevereiro	1.248	168	134,59	532	97	182,47	775	110	142,31
Total	2.663	356	133,78	735	133	180,93	1.335	199	149,15

Fonte: IBC.

(títulos emitidos pelo IBC e convertíveis unicamente em café brasileiro). Este ressarcimento será igual à diferença entre o valor pago e a média dos preços indicativos da OIC para robustas e outros suaves, verificados durante os 10 dias precedentes ao registro da operação (não são consideradas, neste exemplo, pequenas diferenças contratuais para importadores europeus ou americanos). Os Avisos de Garantia obtidos pelo importador serão utilizados como parte do pagamento de compras futuras de café brasileiro. Portanto, numa hipotética segunda compra, o importador pagaria, por libra, o preço indicativo da OIC para arábicas não lavados e usaria os Avisos de Garantia em

seu poder como parte do pagamento. Nesta operação, terá direito, novamente, a receber, em títulos, a diferença entre o preço nominal pago e a média dos preços indicativos da OIC para outros suaves e robustas nos 10 dias que precedem o registro dessa segunda operação.

A sistemática de venda do IBC gerou um certo montante de Avisos de Garantia, papéis que passaram a circular no mercado até serem trocados por café brasileiro. O prazo efetivo de utilização desses títulos (respeitada a validade legal de 90 dias, determinada pelo IBC) é função, entre outras coisas, da expectativa do importador sobre o comportamento futuro dos preços do café em relação à desvalori-

zação esperada da moeda em que foi emitido o Aviso de Garantia. Por exemplo: se o importador espera que o preço do café caia mais rapidamente que o valor real do dólar, será para ele mais conveniente adiar a conversão do Aviso junto ao IBC pois poderá, no futuro, trocá-lo por uma quantidade maior de café.

Vale notar, ainda, que o valor total dos Avisos de Garantia em circulação no mercado será maior ou menor, em um determinado momento, conforme a evolução dos preços do café durante os últimos meses. Quando as cotações sofrem uma queda, o IBC é obrigado a emitir uma quantidade maior de títulos; no caso contrário, haverá absorção de uma

parcela dos títulos em circulação pelo IBC. Este aspecto é importante porque o montante de títulos existentes no mercado permite avaliar a redução que sofrerá o preço médio das exportações dos próximos meses em razão da conversão dos títulos. Por exemplo, uma parte dos Avisos de Garantia emitidos em 1980 teve sua conversão transferida para 1981. Este fato contribuiu para superdimensionar a receita cambial de 1980 mas, evidentemente, resultará em uma redução do preço médio das vendas de 1981, principalmente pela influência que exercerá durante os primeiros meses do ano.

Desse modo, uma estimativa da receita cambial brasileira com a rubiácea, em 1981, terá de levar em conta, entre outros fatores, os elementos acima referidos. No entanto, o valor da receita do café dependerá, primordialmente, do resultado da safra brasileira que será colhida em meados de 1981. O USDA prevê esta colheita entre 31 e 33 milhões de sacas, enquanto fontes brasileiras a situam entre 25 e 30 milhões. Se o resultado obtido for realmente elevado, ocorrerá o início da recuperação do estoque brasileiro. A não ocorrência de geadas no inverno aumentará a expectativa de que a safra brasileira de 1982 poderá ser também elevada, o que contribuiria ainda mais para o crescimento dos estoques. Se estes fatos se concretizarem, pode-se esperar uma forte contração dos preços internacionais durante o segundo semestre

de 1981.

Além da questão do comportamento futuro das cotações, o próprio cumprimento da meta quantitativa das exportações, embora factível, não se dará facilmente. A cota básica do Brasil para exportação a países membros da OIC é de 14,5 milhões de sacas. No entanto, os cortes realizados até aqui pela OIC, em razão de quedas de preço, já reduziram a cota brasileira para algo em torno de 14,1 milhões. Esta quantidade supera em 1,1 milhão de sacas o total das vendas do Brasil àqueles países, em 1980. Para alcançar a meta de 17 milhões será ainda necessário vender 2,9 milhões de sacas a países importadores não filiados à OIC, os quais, em 1980, compraram 2,2 milhões de sacas de café brasileiro. Será preciso, portanto, elevar as vendas em 700 mil sacas para um mercado fortemente competitivo, que não conta com limites de preço ou cotas de exportação e que absorve anualmente pouco mais de 6 milhões de sacas.

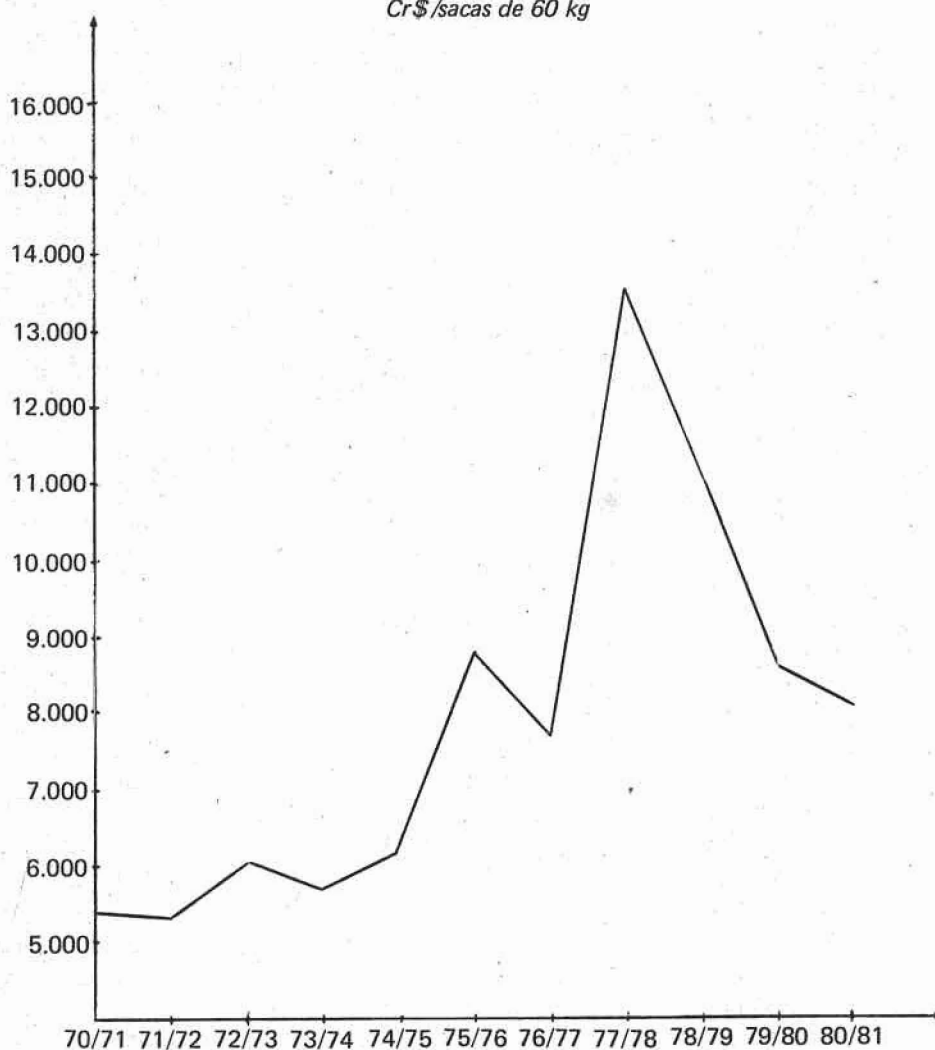
De qualquer forma, será muito difícil obter, em 1981, uma receita cambial com o café igual ou superior à do ano passado, mesmo em termos nominais. A maioria das previsões divulgadas até o momento admitem que o valor médio do café a ser exportado em 1981 se situará entre US\$ 1,00/lb e US\$ 1,20/lb (ou US\$ 132,16/saca e US\$ 158,59/saca). Se esta previsão se efetivar e se for possível cumprir a meta quantitativa de exportação (17

milhões de sacas) o Brasil auferirá com o café, em 1981, uma receita cambial entre US\$ 2,25 e US\$ 2,69 bilhões, o que significará uma redução nominal entre 4% e 20% em relação a 1980.

Do ponto de vista do cafeicultor brasileiro, as atuais perspectivas também não são promissoras. Já por ocasião da colheita da safra 1980/81, era previsível que a situação do mercado brasileiro seria de relativo aperto de oferta durante o primeiro semestre de 1981. (ver *Agroanalysis*, vol. 4 nº 9). Naquela época, previa-se que o estoque de café brasileiro seria de 17,23 milhões de sacas em 31/12/80. No entanto, segundo o IBC, o estoque situou-se em apenas 16,164 milhões de sacas, em razão da safra 1980/81 ter sido menor do que o previsto. Esse volume teria que atender a uma demanda da ordem de 11 milhões de sacas (7,5 milhões para exportação e 3,5 milhões para consumo interno, supondo que as metas de 1980 fossem mantidas em 1981). Considerando que 4 a 5 milhões de sacas pertenciam ao IBC, o estoque privado previsível para 30/06/81 seria de 1,23 a 2,23 milhões de sacas. Estas estimativas permitiam antever, não só uma situação de mercado interno aquecido no primeiro semestre de 1981 mas, também, que o IBC, tendo em vista a tendência baixista vigente no mercado internacional, seria forçado a sustar qualquer valorização real dos preços internos do café. Caso contrário, seria politicamente difícil ao IBC anun-

QUADRO 4

CAFÉ — Preços Reais de Garantia — Médias Por Ano-Safra — 1970-81
Valores de Março de 1981
Cr\$/sacas de 60 kg



FONTE: Boletim Estatístico 002 da Junta Consultiva do IBC.

ciar, em meados de 1981, um preço de garantia relativamente baixo (ver Quadro 4) e, provavelmente, a autarquia seria obrigada a formar estoques, em 1981/82, pagando um preço superior ao desejado. Esta situação criaria um forte dilema para o governo, em razão da conjuntura que o país atravessa, uma vez que a concessão de elevadas somas ao setor produtivo do café comprometeria, em boa parte, a utilização da política de contenção dos gastos federais como instrumento anti-inflacionário.

Por essas razões, o IBC vem distribuindo café de seu estoque aos torrefadores nacionais a preços subsidiados desde o último trimestre de 1980. Em consequência, o consumo interno aumentou, estimulado pela queda real dos preços finais. No entanto, há, no mínimo, uma contradição entre dispendir recursos elevadíssimos para renovar e revigorar cafezais após uma geada e, em seguida, permitir que se verifique forte desestímulo à cultura, o que fatalmente ocorrerá se não for sustada a queda real dos preços internos do café.

CARNES

Estabilidade do mercado depende de se aumentarem as exportações

Em 1980, o movimento cíclico dos preços no mercado de carne bovina contrariou sensivelmente as previsões vigentes no início da tempora-

da. No primeiro semestre do ano, os preços reais da arroba do boi gordo recebidos pelos produtores, no estado de São Paulo, mantiveram-se praticamente estáveis em relação ao mesmo período de 1979. Mas foi no período de entressafra (o segundo semestre) que o mercado viveu uma grande reviravolta. Na verdade, o sentimento altista acalentado pelos pecuaristas foi progressivamente dissipado por expectativas cada vez mais baixistas. Na entressafra de 1980, os preços reais do boi gordo caíram 4,6% em relação ao período de safra. Comparativamente à entressafra de 1979, a queda foi bastante substancial: 22,0%.

Esse comportamento baixista do mercado de bovinos, contudo, não ocorreu como reflexo de um acentuado aumento na disponibilidade interna do produto. Pelo contrário, a fase cíclica de recomposição do rebanho persistiu durante o ano passado. Ou seja, os pecuaristas ampliaram o seu contingente de fêmeas destinadas à criação, reduzindo, concomitantemente, o envio desses animais ao abate. A participação de vacas nos abates totais controlados pelo SIF (Serviço de Inspeção Federal) decresceu de 20,7% para 17,3%, entre 1979 e 1980. Tal diminuição nos abates de vacas não foi integralmente compensada pela maior matança de bois e vitelos: entre os anos considerados, verificou-se uma queda de 0,5% nos abates totais, que alcançaram 6,727 milhões de cabeças, em 1980.

Essa relativa estabilidade dos

abates (por conseguinte, da oferta de carne) permite concluir que a reversão do ciclo pecuário, verificada em 1980, não se deveu a um incremento da oferta de carne bovina. A reversão faz parte de um processo de retração na demanda, iniciado em 1978, quando os preços do boi gordo iniciaram trajetória fortemente altista, elevando-se a níveis historicamente recordes. Assim, a contínua erosão do poder de compra dos salários resultou em um menor consumo de carne bovina e criou condições para a maior participação das carnes de pequenos e médios animais na dieta da população. Entre 1978 e 1980, o consumo de carne bovina caiu de 20,3 kg para 16,3 kg por habitante, ou seja, queda de 20%. No mesmo período, o consumo per capita de carne de aves cresceu 36%, atingindo 8,7 kg, e o de carne suína 5%, elevando-se para cerca de 10 quilogramas^(*).

Na verdade, a queda no consumo propiciou ao governo maior facilidade para a formação de estoques reguladores. A retração do consumo verificada em 1980 é aproximadamente igual ao volume de carne estocado pela Cobal. Evidentemente, existe um descompasso temporal entre os dois fenômenos, ou seja, a queda do consumo deu-se ao longo de todo o ano, enquanto a estocagem foi realizada apenas durante a safra. Tal descompasso, porém, não descarta a assertiva anteriormente

(*) Consumo aparente, ou seja: produção + importação - exportação, dividido pela população.